

CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DESCOLONIAL PARA A COMPREENSÃO E POSTERIOR RUPTURA DO SISTEMA MODERNO DE GÊNERO: A ARTISTA MARÍA IZQUIERDO

MARIANA LEAL DA SILVA¹; URSULA ROSA DA SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – hwang.lmari@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ursularsilva@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa “A Caixa de Pandora: Mulheres artistas e mulheres filósofas no século XX” ligado ao Centro de Artes da UFPEL. O objetivo deste consiste no estabelecimento de paralelos entre as teorias da filósofa María Lugones e as obras da artista María Izquierdo, a fim de demonstrar os meios pelos quais o sistema colonial de gênero contribui para a opressão das mulheres, em termos estruturais. Proponho então, uma retomada da nossa própria produção cultural/artística/bibliográfica através do deslocamento à teoria decolonial. A consciência sobre nossa própria condição material e o sentimento de pertencimento como sujeitos latino-americanos nos possibilita olhar sobre um contexto diferente do que fomos ensinados a perceber desde muito cedo, e é essa consciência que nos permitirá dar o primeiro passo em direção à ruptura da hegemonia unilateral presente na produção de conhecimento.

Não obstante, é impossível pensar esse trajeto sem incluir a todas as partes que estiveram abaixo da relação hierárquica, ou, de acordo com a autora Lugones (2014), que analisa processos de desumanização/exploração em diversos âmbitos/classes desde a colonização: “[...] uma distinção dicotômica, hierárquica entre humano e não humano foi imposta sobre os/as colonizados/as a serviço do homem ocidental. Ela veio acompanhada por outras distinções hierárquicas dicotômicas, incluindo aquela entre homens e mulheres”. Essas imposições coloniais partiram de homens brancos heterossexuais europeus, e, portanto, em sua busca por poder - leia-se capital - exploraram e destruíram, em diferentes aspectos e proporções, países/raças/etnias, e logicamente, as mulheres - objeto de estudo principal desta pesquisa.

2. METODOLOGIA

A metodologia consiste em uma introdução crítica sobre a produção de conhecimento de base eurocêntrica a partir do texto trabalhado na disciplina de Arte e Cultura na América Latina, *Arte Moderna na América Latina*, da autora, Aracy Amaral. Em seguida, através da teoria decolonial de María Lugones, discorro sobre a questão da construção colonial de gênero, relacionando com a produção artística de mulheres latino-americanas, em especial a artista mexicana María Izquierdo. As aproximações entre teorias e vozes marginalizadas tornam possível a contextualização histórico/social dos conceitos e trazem novos meios de ver o mundo frente às questões políticas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A autora Aracy Amaral, em seu texto *A Arte Moderna na América Latina*, aborda, de uma forma geral, a existência de duas bibliografias possíveis na produção/pesquisa dentro da área de artes:

“uma, aquela realizada ao longo das ultimas décadas, com dificuldade e esforço tenaz por parte de investigadores independentes e Universidades de todo o Continente; outra, que esta surgindo nos ultimos dez ou 15 anos se muito, por parte de museus e criticos europeus e norte-americanos, sobretudo anglosaxões, a partir de um ponto de vista seu proprio, ou através de exposições realizadas em entidades publicas e privadas na Europa e Estados Unidos (AMARAL, 1996, p. 1).

A primeira bibliografia seria então, de acordo com a autora, a iniciada por autores que vivenciam a realidade, ao posto que a segunda é feita do exterior, através das lentes de quem se encontra distanciado dos costumes/tradições do objeto de pesquisa, e predomina uma relação de poder desta última para com a primeira: a bibliografia europeia/estadunidense tem maior reconhecimento do que a produção feita pelos nativos - latino-americanos. Já no que tange a questão do gênero - à qual ela reserva curto espaço em sua publicação -, discordo fortemente, quando ela escreve que:

“Arte de qualidade ou original é o que conta, e não arte feita por mulheres ou homens. A menos que se deseje abordar a feminilidade na arte, tendo em vista o grande numero de mulheres artistas em nosso Continente, decorrencia, a meu ver, de uma facilidade de vida na classe media pela assistencia de auxiliares domesticos que nem as norteamericanas ou europeias puderam gozar neste seculo (AMARAL, 1996, p.10).

Ao meu ver, é justamente o tratamento de questões importantes como a existência de autoras/pintoras mulheres na produção teórico-artística que dá visibilidade a nomes que antes nunca havíamos ouvido falar. Logicamente, percebo que em cada contexto/época/local há prioridades diferentes, mas como sabemos, a possibilidade criadora/política sempre esteve nas mãos de poucas pessoas - as que detiveram o poder - e isso, sim, deve ser questionado. Enquanto não temos um acesso igualitário ao adentramento dessas áreas, é necessário sim, estabelecer um segmento próprio a essas questões, pois o espaço que é deixado em branco - assim como em termos de poder político do Estado - logo é preenchido pelo poder dominante. Vemos que, a base bibliográfica tomada como base tem um local e um gênero, o masculino - porém, embora não vá me aprofundar em outros aspectos nesse texto, obviamente o poder também tem raça/idioma/etnia. Quando tentamos buscar teorias feitas por mulheres, encontramos inúmeras dificuldades pelo caminho: temos pouco acesso a elas; e quando encontramos, já foi feita uma enorme pesquisa a respeito, visto que há critérios de qual tipo de autoras precisamos para a pesquisa, ou que tipo de abordagem/corrente teórica a linha de pensamento segue.

Dentro do campo das Artes Visuais, a artista mexicana María Izquierdo - 1902 a 1955-, importante precursora do surrealismo mexicano - no mesmo período que Frida Kahlo - trás uma proposta voltada para a discussão de temas que perpassam a participação das mulheres na sociedade. De acordo com a autora Arroyo:

“Al preguntarle si le gustaria pintar murales, la pintora expresó: ‘si me dieran oportunidad para ello, pero hasta ahora sólo confían esos trabajos a los maestros varones [...] campo que me ha sido negado en mi propio país’ (ARROYO, 2011, p.592-3).

A artista não teve a possibilidade de pintar a temática que gostaria, unicamente por ser mulher, coisa que para homens, o acesso é facilitado - levando em conta que o campo das artes nunca foi simples de adentrar, e mais, viver somente pela arte, mas precisamos estar sensíveis a certos atravessamentos e disputas de poder presentes nas mais amplas questões, não como menos importantes, mas determinantes destas. A Comissão Nacional da Pintura Mural (CNPM), criada pelos artistas Orozco, Rivera e Siqueiros, é denunciada por Izquierdo de ser seletiva e até mesmo, impor censura tanto com artistas, como para com obras e temáticas, na criação dos murais. Posteriormente a essa crítica, a comissão acabou por atingir a pintora diretamente, nas palavras de Arroyo, “a polêmica se converteu em assunto pessoal quando um desses artigos assegurou que a responsabilidade pelos murais foi cancelada por conta da incapacidade técnica e artística da pintora (tradução minha) (ARROYO, 2011, p. 595)”.

Já no que diz respeito à lógica do sistema colonial de gênero por Lugones (2014), o capitalismo tem relevância crucial nas análises - já que foi a busca por capital que conduziu à escravidão e à posterior seletividade nas bases teóricas para contar essa história. Ela escreve que “diferentemente da colonização, a colonialidade do gênero ainda está conosco; é o que permanece na intersecção de gênero/classe/raça como construtos centrais do sistema de poder capitalista mundial” - acrescento que as consequências da colonização se fazem presentes até hoje em nossa sociedade.

Por fim, assim como apresentação e discussão dessas questões trás a luz vozes anteriormente não percebidas, é preciso também uma articulação teórica capaz de estruturar novas possibilidades - especificamente aqui, dentro do campo de produção artística. Lugones (2014) afirma que, em contrapartida a invisibilização desses sujeitos - normalmente imposta pelo olhar dos historiadores -, há resistências internas:

A intrapolítica marca a volta para o dentro, em uma política de resistência, rumo à libertação. Ela mostra o potencial que as comunidades dos/as oprimidos/as têm, entre si, de constituir significados que recusam os significados e a organização social, estruturados pelo poder. Em nossas existências colonizadas, racialmente gendradas e oprimidas, somos também diferentes daquilo que o hegemônico nos torna. Esta é uma vitória intrapolítica (LUGONES, 2014, p.940)”.

Referindo-se não somente a questão do gênero, mas sua intersecção com classe/raça, a autora nos demonstra que o fazer emergir dessas mulheres na arte/política nos trás também novos meios de ruptura da hegemonia presente na teoria à qual (des) conhecemos. Dessa forma, é possível uma maior valorização do ponto de vista em que o sujeito passa a ter poder para construir a própria história a partir da realidade que vivencia. Romper com os padrões europeus também é romper com a exclusão das mulheres e das outras culturas/etnias/povos/raças/sexualidades na produção bibliográfica, visto que cada ação/relação social não se encontra fechada em si mesma, mas reflete toda a estruturação da própria sociedade - essa, que nos propomos a modificar.

4. CONCLUSÕES

Por se tratar de uma breve pesquisa e relação entre a teoria e a arte latino-americana, não pude aprofundar certas questões - às quais buscarei tratar em outros trabalhos. Ressalto que essa base que trouxe serve para exemplificar tanto questões presentes na discussão sobre as bibliografias, em termos de colonização, quanto sobre a presença das mulheres na mesma. A história de María Izquierdo só nos faz confirmar o quanto as relações de poder estabelecidas controlam toda uma sociedade e acabam por excluir partes da mesma - no caso mais da metade.

Busquei trazer não somente visibilidade para uma artista - e demonstrar a importância da discussão do gênero para perceber o contexto no qual ela se fez presente - como, a partir disso, discutir as implicações de um ato que por muitos poderia ser tratado como pessoal, mas se vê inteiramente político. Finalmente, a não presença igualitária de mulheres e homens nas produções não somente trás como necessária uma busca por acesso das primeiras, como também por imparcialidade na história - a entrega do poder da escrita para quem o vive em sua realidade material, possibilitando - nesse caso - um maior adentramento das mulheres na participação política/artística.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Aracy Abreu. "*Projeto de trabalho: História da arte moderna na América Latina (1780-1990)*," 1996. Typed manuscript. Personal archives of Aracy A. Amaral, São Paulo, Brazil.

ARROYO, Ana María Torres. *El muralismo mexicano: cuestión de hombres*. In: GUERRERO, Emilia Recéndez; HERNÁNDEZ, Norma Gutiérrez; MERCADO, Diana Arauz. **Presencia y realidades: investigaciones sobre mujeres y perspectiva de género**. Publisher: Universidad Autónoma de Zacatecas, pp.589-598, 2011.

LUGONES, María. *Rumo a um feminismo descolonial*. Estudos Feministas. Florianópolis, 22(3): 935-952, setembro-dezembro/2014.